

Chuvas testam lavouras de trigo no Estado

Excesso de umidade no solo reduz desenvolvimento das plantas e reforça importância de práticas de manejo

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A sequência de chuvas que atinge o Rio Grande do Sul começa a colocar à prova as lavouras de trigo recém-estabelecidas. Embora o excesso de umidade já provoque redução no ritmo de desenvolvimento das plantas e aumente as condições favoráveis ao surgimento de doenças, a Emater/RS-Ascar avalia que ainda é cedo para projetar perdas de produtividade na safra, cujo plantio está praticamente concluído no Estado.

Há uma semana, o levantamento da entidade indicava que 93% da área estimada de 814,2 mil hectares já havia sido semeada. A expectativa é de que apenas pequenas áreas remanescentes, principalmente em regiões de maior altitude e de plantio mais tardio, ainda estejam sendo implantadas.

Segundo o analista de trigo da Emater/RS-Ascar, Célio Colle, os efeitos mais imediatos decorrem da combinação entre excesso de umidade e baixa luminosidade provocada pelos dias consecutivos de céu encoberto. “A planta está parada para se desenvolver”, resume.

Conforme o especialista, a menor incidência de luz reduz a fotossíntese e, consequentemente, o crescimento das lavouras. Ao mesmo tempo, as

folhas inferiores começam a apresentar amarelecimento em razão da elevada umidade, enquanto o ambiente se torna mais favorável à ocorrência de doenças.

Apesar disso, Colle afirma que o cenário ainda não altera a estimativa inicial de produtividade, projetada em aproximadamente 2,7 mil quilos por hectare. Segundo ele, a maior parte das lavouras permanece em estágio vegetativo e ainda dispõe de tempo para recuperar o desenvolvimento, caso as condições climáticas evoluam de forma favorável nas próximas semanas.

Se o rendimento projetado for mantido, a produção gaúcha do cereal deve chegar a 2,2 milhões de toneladas, quase 40% menor que a anterior, de 3,6 milhões.

Mais do que os efeitos diretos da chuva sobre as plantas, a principal preocupação dos técnicos está na capacidade das lavouras de suportar eventos de precipitação cada vez mais intensos e frequentes.

Segundo Colle, propriedades que investiram em práticas como terraceamento, descompactação do solo, plantio direto e manutenção de cobertura vegetal têm apresentado maior capacidade de absorver grandes volumes de água, reduzindo erosão, escoamento superficial e perda de nutrientes.

Por outro lado, áreas com



NORBERTO DUARTE/AFP/JC

Plantio do cereal no Rio Grande do Sul está praticamente concluído e redução de área se confirma

solo compactado ou sem estruturas de conservação ficam mais expostas ao carregamento de terra e à formação de erosões, fatores que podem comprometer o potencial produtivo da cultura.

“O que a gente consegue verificar é que esses eventos estão acontecendo mais seguido”, observa.

Para o analista, a sucessão de extremos climáticos reforça a necessidade de um manejo voltado para a resiliência das propriedades. Entre as práticas recomendadas estão a rotação de culturas, o uso de plantas

de cobertura, a formação de palhada e a melhoria da estrutura física do solo, permitindo maior infiltração e armazenamento de água tanto em períodos de chuva intensa quanto durante estiagens.

Rotação de culturas, uso de plantas de cobertura, formação de palhada e melhoria da estrutura física do solo. Essas ações fazem parte das tecnologias difundidas pelo Plano ABC+ e também integram o programa Operação Terra Forte, do governo do Estado, que busca ampliar a capacidade das propriedades de enfrentar

os impactos das mudanças climáticas. Segundo Colle, a adesão dos produtores às práticas tem sido positiva.

O episódio de chuvas ocorre em uma safra que já começou sob um cenário de cautela. Em junho, o primeiro levantamento da Emater estimou redução de 30,1% na área cultivada com trigo no Rio Grande do Sul. A decisão dos produtores refletiu a combinação entre preços pouco atrativos, restrições de crédito, elevado endividamento e previsões climáticas menos favoráveis para o segundo semestre.

Índices da Pecuária

No mercado do boi gordo, os preços não apresentaram variação em relação à semana anterior. Mesmo com a entrada de carne oriunda de outros estados no RS, a escassez de animais no estado contribui para sustentar as cotações observadas. Além disso, o excesso de chuvas reforça essa sustentação, uma vez que dificulta o escoamento dos animais das propriedades.

No mercado do gado de reposição, observou-se retração nas cotações da maioria das categorias ao longo da semana, com exceção da terneira, que registrou valorização de 1,23%. As fortes chuvas e temporais no estado têm prejudicado a comercialização, levando muitos produtores a adiar a compra de animais para reposição. Como consequência, a demanda se enfraquece e as cotações mantêm tendência de queda nas demais categorias neste período.

ANÁLISE DO DIA 22 DE JULHO DE 2026

* Apuração válida para o período de 22/7 a 29/7

Terneira	+1,23%
Novilha (13-24 meses)	-6,9%
Terneiro	-1,2%
Novilho (13-24 meses)	-5,0%
Vaca de inverno	-4,6%

GADO GORDO

22/07/2026	PV MACHO	PC MACHO	PV FÊMEA	PC FÊMEA
MÁXIMO	R\$ 13,30	R\$ 26,00	R\$ 12,00	R\$ 23,50
MÉDIO	R\$ 12,90	R\$ 24,75	R\$ 11,50	R\$ 22,00
MÍNIMO	R\$ 12,50	R\$ 24,00	R\$ 11,00	R\$ 20,50

GADO DE REPOSIÇÃO

22/07/2026	TERNEIRA				NOVILHA				TERNEIRO				NOVILHO				VACA			
	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	Invernar	Falhada	Com cria	6-12m	13-24m	25-36m	Prenhe	Invernar	Falhada	Com cria		
MÁXIMO	R\$ 16,12	R\$ 12,57	-	R\$ 13,52	R\$ 16,00	R\$ 12,38	-	R\$ 11,66	R\$ 10,51	-	R\$ 11,87	R\$ 11,66	R\$ 10,51	-	R\$ 11,87	R\$ 11,66	R\$ 10,51	-	R\$ 11,87	
MÉDIO	R\$ 15,53	R\$ 12,41	-	R\$ 12,72	R\$ 15,56	R\$ 12,18	-	R\$ 10,77	R\$ 10,23	-	R\$ 11,22	R\$ 10,77	R\$ 10,23	-	R\$ 11,22	R\$ 10,77	R\$ 10,23	-	R\$ 11,22	
MÍNIMO	R\$ 14,94	R\$ 12,24	-	R\$ 11,91	R\$ 15,10	R\$ 11,98	-	R\$ 9,98	R\$ 9,96	-	R\$ 10,56	R\$ 9,98	R\$ 9,96	-	R\$ 10,56	R\$ 9,98	R\$ 9,96	-	R\$ 10,56	

PV = peso vivo | PC = peso carcaça | *Valores à vista, em R\$/kg. | *No caso de obtenção de somente um valor, usou-se o fator e 2,05 na conversão de peso vivo para peso de carcaça correspondente. | * Variações correspondentes sempre à semana anterior | ■ Estável ● Subiu ● Desceu

OVINOS

20/07/2026	UNIDADE	CORDEIRO	BORREGO	OVELHA DE DESCARTE
MÍNIMO	R\$/PV	R\$ 13,65	R\$ 11,56	R\$ 10,85
MÉDIO	R\$/PV	R\$ 14,80	R\$ 12,73	R\$ 12,17
MÁXIMO	R\$/PV	R\$ 15,95	R\$ 13,90	R\$ 13,49

CORTES OVINOS

13/07/2026	UNIDADE	CARRÉ	PALETA	LOMBO	PERNIL	COSTELA	PESCOÇO	STINCO
MÍNIMO	R\$/Kg	R\$ 130,15	R\$ 69,90	R\$ 66,46	R\$ 69,90	R\$ 42,85	R\$ 25,90	R\$ 63,80
MÉDIO	R\$/Kg	R\$ 159,80	R\$ 87,94	R\$ 95,50	R\$ 74,91	R\$ 62,03	R\$ 30,01	R\$ 65,60
MÁXIMO	R\$/Kg	R\$ 169,90	R\$ 89,90	R\$ 99,89	R\$ 76,90	R\$ 63,76	R\$ 29,90	R\$ 69,00